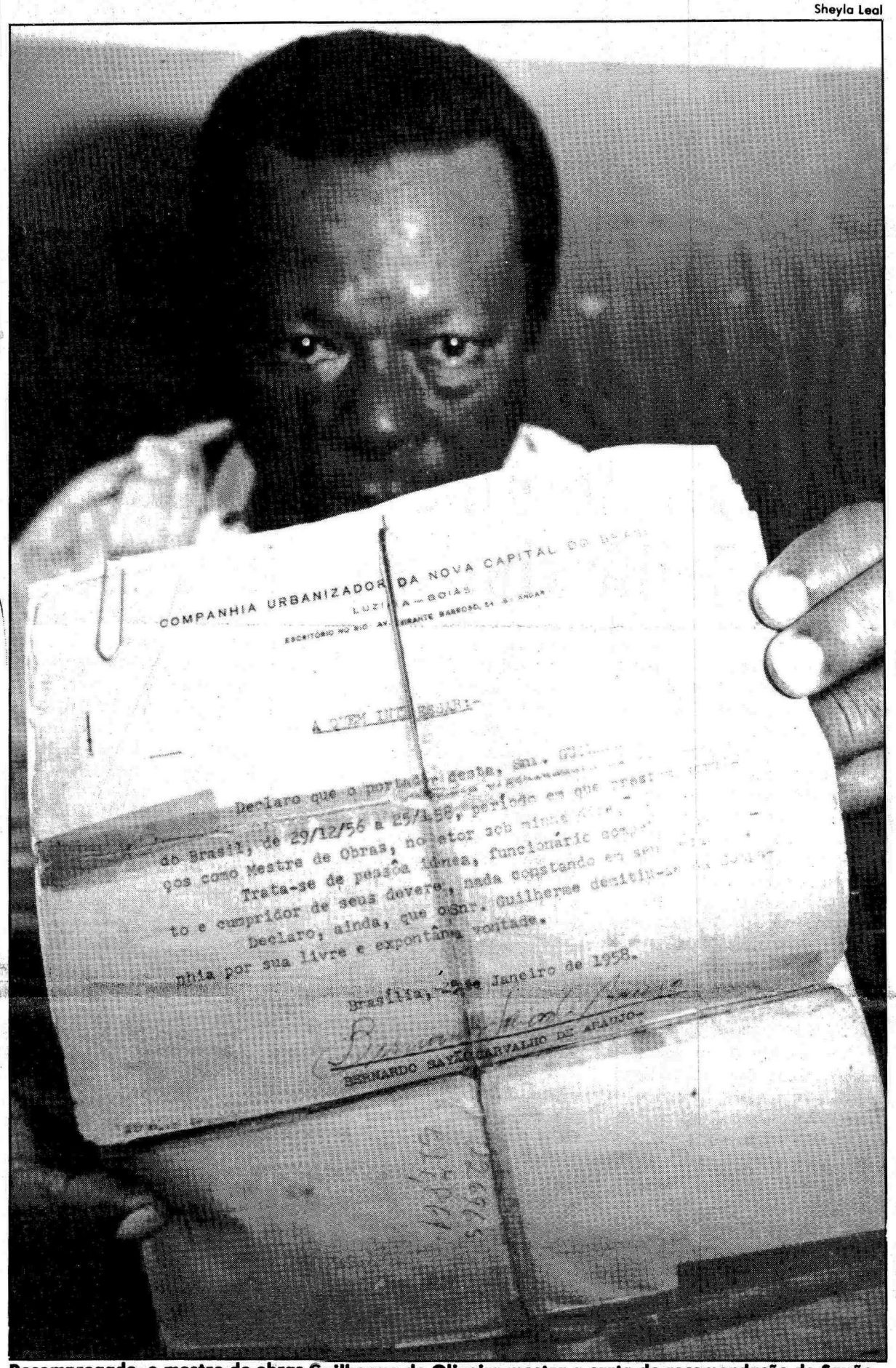
Desemprego assusta governador

Cristovam Buarque pode anunciar hoje pacote de obras em encontro com empresários da construção civil

Sheyla Leal



Desempregado, o mestre-de-obras Guilherme de Oliveira mostra a carta de recomendação de Sayão

O governador Cristovam Buarque pode surpreender os empresários da construção civil, hoje, durante reunião do Fórum Empresarial, e anunciar um pacote de obras para reativar a economia do setor. Cristovam ficou assustado com os dados divulgados ontem, pelo **Jornal de Brasília**, de que mais de 20 mil trabalhadores da área da construção civil estão desempregados.

O pacote, antecipado pelo **JBr** na edição do último dia 19, não inclui nenhuma grande obra para o DF. São obras de restauração e ampliação de rodovias e estradas, construção de terminais rodoviários e usinas de lixo, além de reformas na Rodoviária do Plano Piloto. Para o setor, serão destinados recursos de R$ 50 milhões.

Segundo o ex-deputado federal e empresário do setor, Paulo Octávio, se o GDF e o Governo Federal não tomarem medidas rápidas para estimular a construção civil, o ''número de desempregados vai aumentar ainda mais''. ''Esse é o retrato cruel da nossa realidade'', completa o empresário, cuja empresa acaba de bater um recorde nacional.

A Paulo Octávio Investimentos Imobiliários bateu o recorde nacional de permanência do emprego. Enquanto nas outras empresas a média de permanência do empregado no trabalho é de três a quatro meses, na Paulo Octávio a média é de 23 meses. ''Mas isso nós conseguimos à custa de muitos sacrifícios'', justifica.

Financiamentos — Para o empresário, o DF vive uma situação atípica dos outros estados e mais um agravante. ''Além de não sermos beneficiados com recursos para financiamento de moradia desde o governo Sarney, temos dificuldades de terrenos e financiamentos do nosso banco estadual (BRB) que nunca incentivou realmente o desenvolvimento da nossa região'', reclamou.

Disputa por emprego vira drama

O mestre-de-obras Guilherme Francisco de Oliveira, de 68 anos, é um dos mais de 20 mil trabalhadores da construção civil que estão desempregados no Distrito Federal. Até abril, ele trabalhava para a empresa MC Engenharia na construção de um colégio em Samambaia. ''Eles me mandaram embora porque não existem mais obras. Não posso sustentar meus filhos apenas com o dinheiro da minha aposentadoria. Eu preciso muito trabalhar'', disse Guilherme com lágrimas nos olhos, enquanto aguardava o acerto de contas com a empresa, ontem, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Brasília.

''A situação está desesperadora'', diz Guilherme Oliveira, que possui 5 filhos, sendo o mais velho com 18 anos. O mestre-de-obras afirma que tem procurado emprego nos anúncios de jornais todos os dias. ''Quando eu chego no local já tem uns 40 querendo a mesma vaga'', explica.

Pioneirismo — Guilherme Pereira veio do Rio de Janeiro para Brasília em 1956 e ajudou a construir vários prédios, entre eles os ministérios. ''Quem enricou na época da construção da cidade é pioneiro, eu que não tenho como sobreviver sou piotário'', diz o mestre-de-obras que guarda com todo o cuidado uma carta de referências da Novacap, assinada por Bernardo Sayão, no ano de 1958. ''Está muito difícil, ainda bem que eu tenho sáude e coragem para batalhar'', diz Guilherme, com um currículo de mais de 155 obras de que participou.

Para o azulejista Ginaldo Silvestre da Silva, de 46 anos, as firmas são poucas para a quantidade de pessoal. ''Há 20 anos quando começei existiam mais construtoras, mas muitas já deixaram a cidade'', diz Givaldo, que tem quatro filhos e mora em Samambaia. Ele foi demitido pela construtora Encol, no último mês, depois de encerrada a construção do Centro Empresarial Norte. ''Eles disseram que não existe mais serviço para mim. Como é que eu vou sobreviver?'', reclama Givaldo.

Fome — Desolado, o pedreiro Cícero Elói da Silva, ex-funcionário da Via Engenharia numa obra no Setor Sudoeste, tem medo de passar fome. ''As coisas lá em casa já estão acabando'', diz Cícero que veio do Ceará para trabalhar em Brasília há dois anos. ''Reduziram o pessoal porque disseram não existir financiamento para tocar a obra'', explica o pedreiro sobre a sua demissão.

Crise — Ontem, cerca de 200 desempregados procuraram o sindicato para acertar a rescisão de contrato. Na quarta-feira este número foi três vezes maior. O primeiro secretário do sindicato, Lauro Bonfim Campos, explicou que na próxima quarta-feira a cena deve se repetir. ''Acreditamos que o sindicato vai ficar lotado novamente. Os trabalhadores vão voltar para receber os reajustes'', disse Campos.

Metrô não pode salvar o setor

O governador Cristovam Buarque não escondeu a sua irritação, ontem, ao ser informado que o secretário do Trabalho, Pedro Celso, apontou a retomada das obras do metrô como uma forma de minimizar o desemprego dos trabalhadores do setor da construção civil no DF. ''Uma obra desse porte se faz para dar resultados e não para gerar empregos'', rebateu, lembrando que não vai tirar dinheiro das áreas de saúde e educação para retomar a construção do metrô.

De acordo com Cristovam Buarque, é preciso estimular a criação de empregos permanentes para amenizar a crise na construção civil e não trabalho provisório. ''Além disso, eu só retomo as obras do metrô quando tiver o dinheiro para concluí-la totalmente e não por etapas'', ressaltou.

Ele disse ainda que não vai admitir pressão de nenhum segmento para a retomada das obras, pois não dispõe de recursos para continuar a construção do metrô. ''O governo passado teve US$ 722 milhões para começar e concluir o metrô e não conseguiu em quatro anos. Não posso ser cobrado por isso'', frisou o governador.